

VINICIUS LUMMERTZ

Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo

Atraídos pelo abismo

O Brasil parece atraído pelo abismo. Kierkegaard chamou de vertigem da liberdade a inquietação diante do precipício: não é apenas o medo de cair, mas a consciência perturbadora de que podemos dar o passo que nos fará cair. Milan Kundera foi ainda mais preciso ao distinguir o medo da queda da vertigem: nela existe algo que nos chama para baixo. O abismo assusta, mas também atrai.

Talvez poucas imagens descrevam tão bem o Brasil de hoje. Justamente quando o mundo abre uma janela extraordinária para nós, parecemos ocupados demais olhando para o precipício.

Nunca tivemos tantos ativos valorizados simultaneamente. Alimentos, água, petróleo, energia renovável, minerais críticos, biodiversidade, território, escala de mercado. A transição energética aumenta o valor estratégico de recursos que possuímos; a reorganização das cadeias produtivas procura países confiáveis e de grande escala; nossa posição permite conversar com Estados Unidos e China, Europa e Índia, Oriente Médio e África. O mundo precisa de muito daquilo que o Brasil tem.

E caminhamos na direção contrária.

A economia conhece a maldição dos recursos naturais: a abundância pode produzir acomodação, rentismo e disputa pela riqueza

existente em vez da obsessão por criar riqueza nova. Talvez tenha desenvolvido uma versão brasileira, mais abrangente: a maldição da supernatureza.

Temos tanto que nos acostumamos à ideia de que haverá sempre outra oportunidade. Perdemos um ciclo e esperamos o seguinte. Desperdiçamos uma década e sobrevivemos. Adiamos reformas, bloqueamos investimentos, aumentamos custos e continuamos de pé. Terra, água, sol, vento, petróleo, minérios, florestas e agricultura permanecem ali como uma espécie de seguro contra nossos próprios erros.

A abundância que deveria nos impulsionar talvez tenha também nos ensinado a suportar a mediocridade.

Austregésilo de Athayde dizia que “o Brasil era maior do que o abismo”. Talvez seja. Mas ser maior que o abismo não significa não poder passar décadas entalado nele.

E o abismo não é uma abstração. Está nas dezenas de milhões de brasileiros inadimplentes, nos milhões de empresas endividadas, no crédito proibitivo, no investimento insuficiente, na baixa produtividade e numa classe média que luta tanto para ascender quanto para não retroceder. Está nos projetos que não saem do papel, nas empresas que deixam de investir e nos empregos que deixam de existir.

Como pode um país tão rico produzir tanta escassez?

Conhecemos boa parte das respostas. Desequilíbrio fiscal cobra juros; juros altos sufocam investimento; baixa produtividade limita salários; insegurança jurídica afasta capital; burocracia paralisa projetos; educação insuficiente perpetua desigualdades. Não estamos diante de um mistério econômico. Estamos diante de escolhas.

E chegamos a 2026 discutindo outra coisa.

Corremos o risco de realizar uma eleição dentro do abismo. Discutimos candidatos, pesquisas, alianças, rejeições e estratégias. Direita, esquerda e centro disputam o poder enquanto a pergunta decisiva permanece em segundo plano: qual é o projeto para tirar o Brasil daqui?

Podemos trocar os ocupantes do poder e permanecer no mesmo lugar.

Essa é a eleição do abismo: candidatos disputando a administração de uma realidade que deveria ser transformada; baixo crescimento, endividamento e fragilidade da classe média tratados como circunstâncias a administrar, não como condições que temos a obrigação de superar.

Há nisso uma diferença entre imoralidade e amoralidade. A imoralidade é visível: corrupção, fraude e privilégios têm responsáveis e vítimas. A amoralidade é mais silenciosa. Decisões podem ser legais, interesses legítimos e proce-

dimentos corretamente cumpridos enquanto o resultado coletivo é o empobrecimento.

O investimento que não aconteceu não protesta. A empresa que deixou de nascer não aparece. O emprego que não foi criado não tem sindicato. O custo da não prosperidade é silencioso.

A questão moral de um país ainda desigual não pode ser apenas como repartir a riqueza existente. É como criar riqueza suficiente para que milhões possam ascender e permanecer numa classe média robusta. Prosperidade deveria ser compromisso anterior à disputa eleitoral. Direita e esquerda podem divergir sobre os caminhos; não deveriam divergir sobre o destino.

Temos recursos, escala, conhecimento e uma oportunidade internacional excepcional. Não fomos condenados pela geografia; fomos extraordinariamente favorecidos por ela. Talvez essa seja justamente a nossa maldição da supernatureza: possuir riquezas suficientes para sobreviver durante muito tempo aos próprios erros e, de tanto sobreviver, confundir sobrevivência com sucesso.

Kierkegaard nos deixou a vertigem. Athayde, a esperança.

O Brasil é maior que o abismo. Talvez sempre tenha sido. Nossa tragédia é outra: somos grandes o suficiente para sobreviver dentro dele. A eleição de 2026 deveria decidir não quem vai administrá-lo, mas como finalmente sairemos dele.

FERNANDO BALDIN

Country Manager LATAM da AutomationEdge

Estamos repetindo na IA os mesmos erros dos anos 90 com o Open Source

Quem viveu a revolução do software livre nos anos 90 talvez esteja experimentando uma sensação curiosa diante do atual entusiasmo em torno da inteligência artificial. Para muitos profissionais mais jovens, a possibilidade de criar aplicações, agentes e soluções em poucos dias parece algo absolutamente novo, mas para quem já viu outras ondas tecnológicas nascerem existe um certo déjà vu.

Naquela época, o movimento open source prometia democratizar o acesso à tecnologia e, de fato, cumpriu um papel transformador, onde desenvolvedores do mundo inteiro criavam softwares gratuitos, compartilhavam conhecimento e permitiam que empresas inovassem sem depender exclusivamente de grandes fornecedores.

Parecia o cenário perfeito, mas havia uma armadilha pouco discutida. Em muitos casos, não existia uma organização por trás do pro-

duto, existia uma pessoa, e quando o criador se cansava, mudava de emprego ou simplesmente deixava de ter tempo para se dedicar àquele projeto, o software desaparecia junto com ele. O código continuava lá, mas a sustentação, evolução e segurança desapareciam. Três décadas depois, a IA parece estar reproduzindo o mesmo roteiro, só que em velocidade exponencial.

QUANDO A PESSOA VIRA O SOFTWARE

Nunca foi tão fácil construir uma solução tecnológica como hoje, qualquer profissional de qualquer área consegue criar aplicações funcionais com auxílio de modelos de linguagem e ferramentas de desenvolvimento baseadas em IA. Isso é extraordinário, mas também pode ser perigoso.

Tenho observado um fenômeno crescente dentro das empresas, em que um colaborador cria uma ferramenta para resolver um proble-

ma específico e a solução funciona tão bem que outros departamentos começam a utilizá-la. Logo surgem pedidos de melhorias, correções, integrações e suporte. Sem perceber, aquele profissional deixa de executar sua atividade principal e passa a ser o responsável informal por um software que, na prática, se tornou crítico para a operação. O problema é que pessoas não deveriam ser confundidas com plataformas.

Existe uma diferença enorme entre uma aplicação que resolve um dor individual e uma solução preparada para atender uma organização inteira. Escalar exige arquitetura, documentação, monitoramento, governança, segurança, redundância e capacidade de evolução. Exige processos e não apenas genialidade.

Essa nova geração de aplicações desenvolvidas rapidamente, impulsionada pelo chamado “vibe coding”, traz ganhos impressionantes de produtividade, mas também cria uma falsa sensação de maturidade. Porque o fato de algo funcionar em um notebook ou para uma equipe não significa que esteja pronto para sustentar centenas de usuários, integrar sistemas críticos ou suportar milhares de transações simultâneas.

A PRÓXIMA ESCASSEZ SERÁ DE GOVERNANÇA

A inteligência artificial está tornando possível transformar qualquer colaborador em criador de tecnologia e isso é positivo, já que a inovação deixou de ser apenas dos departamentos de TI. Mas democratizar a criação não significa eliminar a necessidade de engenharia.

Talvez esse seja o maior equívoco do momento, acreditar que a IA substituirá arquitetos de software, engenheiros e especialistas em infraestrutura, minha percepção é exatamente a oposta. Quanto mais pessoas construírem soluções, maior será a necessidade de profissionais capazes de organizar esse ecossistema, garantir padrões, criar governança e assegurar que a inovação não se transforme em uma coleção de sistemas isolados e frágeis.

A grande discussão dos próximos anos será sobre quem consegue sustentar, governar e escalar. Porque, na prática, inovação não é apenas fazer algo funcionar, é fazer com que continue funcionando quando deixa de ser um experimento e passa a ser parte do negócio. Essa diferença, embora pareça técnica, é profundamente estratégica.